

# COMO VENCER UMA GUERRA CONTRA A EUROPA COM QUASE NADA

Por Jean-François Geneste\*



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

Vulnerabilidades da UE: a Europa e seu frenesi por “energia verde” acabou com uma rede elétrica frágil, que pode ser facilmente derrubada por drones baratos, causando “apagões” continentais.

**E**stamos vivendo o conflito ucraniano há mais de três anos. Por um lado, assistimos a uma guerra de trincheiras do tipo da Primeira Guerra Mundial, com uso pesado de artilharia. Tanques foram engajados, mas aparentemente não de forma decisiva. Mísseis, especialmente os hipersônicos, foram uma revelação. Os drones também têm sido amplamente discutidos como um avanço na arte da guerra. Isso é verdade apenas em parte, porque mísseis, assim como satélites, são drones há muito tempo!

No entanto, essas pequenas máquinas, com asas fixas ou rotativas, proliferaram a custos bastante modestos e demonstraram certa eficácia. Revelaram a importância de uma base industrial produtiva em tais circunstâncias, algo que claramente não temos no Ocidente.

Os eventos também destacaram a futilidade da orientação do tipo GPS, que pode ser bloqueado e enganado. As bombas, mísseis e drones baseados neste sistema tornaram-se, portanto, inoperantes e seria desejável responsabilizar, na Europa, aqueles que colocaram todos os ovos na cesta do GPS americano. Como resultado, os veículos guiados por fio mostraram-se mais eficazes e forneceram imagens

absolutamente extraordinárias dos últimos momentos do equipamento, mas também, infelizmente, do pessoal.

Não nos deteremos nesses assuntos, exceto para observar que os locais de fabricação de armas que não são enterrados e muito profundamente não estão a salvo de nada. Entretanto, não temos, *a priori*, nenhuma zona de produção em massa digna desse nome que seja suficientemente profunda para suportar um Oreshnik não nuclear.

Também temos, na Europa, uma extrema fragilidade em suprimentos básicos. Dependemos, como quase todo mundo, da China, que pode muito bem fechar nossas torneiras quando quiser. A autonomia não é para hoje, nem certamente para amanhã, não importa o que digam os políticos incompetentes que nos lideraram há quase cinco décadas.

Mas há uma cereja no bolo e é esta a essência do que queremos expressar nestas linhas: a moda americana de produtos duais – rapidamente copiada na década de 1990 – levou certamente a uma redução (relativa!) do custo das armas; mas introduziu uma fraqueza extraordinária. Na verdade, as restrições impostas aos fornecedores, especialmente em termos de independência, para equipamentos civis, não têm nada a ver com restrições militares. Como resultado, a autonomia inicial se transformou em heteronomia total em relação à China.

Mas isso não é tudo! Se um país quer a paz e, portanto, se prepara para a guerra, ele também deve considerar a guerra em sua dimensão civil, para ser resiliente; caso contrário, longe disso, dificilmente conseguiríamos resistir por mais do que as seis semanas catastróficas de resistência que demos como espetáculo em 1940<sup>1</sup>.

Ora, um acontecimento de grande importância acaba de ocorrer na Europa, mais precisamente em Portugal e na Espanha<sup>2</sup>. Para ser cristalino, deixemos aqui claro que isso se deve unicamente ao fato de termos favorecido descaradamente as chamadas energias renováveis, especificamente a eólica e a solar. Dois fenômenos amplificaram significativamente o colapso:

- Energia não controlável, o que torna muito difícil o controle da rede. É claro que quanto maior a proporção de “verdes”, mais instável é o sistema. Espanha e Portugal estão um pouco à frente de outros países, especialmente da Alemanha, mas a França, infelizmente, não fica muito atrás;
- Prioridade dada à eletricidade proveniente de fontes renováveis na rede, o que leva, como todos puderam constatar – mas certamente não na sua fatura pessoal – a preços *spot* por vezes negativos. Além disso, quanto mais difundido for esse tipo “alternativo”, menos o tipo controlável será utilizado e mais seu custo por

<sup>1</sup> O autor é francês, e se refere à capitulação da França frente a Alemanha na Segunda Guerra Mundial.

<sup>2</sup> Panne d'électricité géante en Espagne et au Portugal : vu de France, RTE décrypte le black-out historique. Sudouest.fr, 6 de maio de 2025. Disponível em: <https://www.sudouest.fr/international/europe/espagne/panne-d-electricite-geante-en-espagne-et-au-portugal-vu-de-france-rte-decrypte-le-black-out-historique-24313089.php>

kWh aumentará e, portanto, menos rentáveis serão os investimentos em energia nuclear, mesmo que continuem insubstituíveis na ausência de vento e/ou sol.

Há um terceiro fenômeno que não agrava o colapso, mas amplifica muito suas consequências. Alguns queriam a Europa e por isso estamos todos interligados. Uma das ideias subjacentes era que sempre haveria um lugar no continente com sol ou vento e que, consequentemente, seria possível almejar a autossuficiência. Mas a prática tem mostrado que isso não é absolutamente o caso. Então, em toda a Europa há períodos sem vento e sem sol! Obrigado aos brilhantes funcionários europeus que fizeram esta análise! Quanto isso nos custará? E, claro, um apagão continental se tornou amplamente provável.

Vale ressaltar que durante o conflito ucraniano, a Rússia buscou sufocar o inimigo destruindo seu potencial industrial e, portanto, seus recursos energéticos. Imaginemos, portanto, que estamos entrando em confronto com uma potência externa. O que o oponente pode fazer? É muito simples! Use pequenos drones comerciais – lançados se necessário por agentes infiltrados – e mire em campos eólicos ou solares. Quantas unidades de uma determinada instalação devem ser danificadas para que ela seja aniquilada? Não sabemos. Mas, se bem pensada e coordenada, uma ação para desativar simultaneamente elementos suficientes em território europeu poderia facilmente levar à catástrofe.

Lembre-se que consertar uma rede requer vários dias... de guerra neste caso! Nem é preciso dizer que a reviravolta dos acontecimentos aconteceria então.

Aqui estamos! Na Europa, um potencial agressor não precisaria matar ninguém para vencer um conflito; levaria aproximadamente menos de uma semana para colocar “energicamente” de joelhos um continente de 4,5 milhões de km<sup>2</sup> povoado por quase 500 milhões de habitantes.

Mais uma vez, percebemos que somos governados por líderes “brilhantes”! Isso vem acontecendo há décadas e continua dia após dia, como qualquer um pode ver...

Publicado no [Cf2R](#).

---

**Jean-François Geneste** tem quase 40 anos de experiência nas áreas aeroespacial e de defesa. Foi diretor científico do grupo EADS, hoje Grupo Airbus, por 10 anos. Foi professor do Instituto Skolkovo de Ciência e Tecnologia, em Moscou. Atualmente, é CEO da WARPA.